

---

## PalavrAr-te entrevista a artista e estudante da EBA, Carine Caz.

---

<http://146.164.63.47/alexandriawp/category/projeto/palavrarte/>

Publicado em 26 de abril de 2021.

Nesta entrevista, Carine Caz apresenta sua percepção sobre sua obra que, intencionando gerar debate e reflexão, levanta questões sobre o lugar do corpo feminino na arte e na sociedade. A artista trabalha as perspectivas construídas a partir e sobre a mulher, tenciona convenções e abre novas chaves de leitura.

---



**PalavrAr-te:** *O que você pode nos contar sobre os seus trabalhos e pesquisa desenvolvidos na Escola de Belas Artes (EBA)?*

**Carine**<sup>1</sup>: *Nesses quatro anos como estudante da EBA, eu percebo que estou constantemente tentando entender o que expesso através da arte, aquilo que meu*

---

<sup>1</sup> Na época da entrevista, Carine Caz fazia parte do corpo discente da UFRJ, ela formou-se em abril de 2021. Atualmente, é artista-pesquisadora e tem como principais meios para sua produção artística a performance, o vídeo, a intervenção urbana e a escultura.

inconsciente traz à superfície. Atualmente, identifico o meu desejo pela questão que me permeia como mulher cis e branca: a imposição de dogmas em corpos como o meu, a relação entre esses corpos e os espaços público e doméstico. Nesse percurso, investigo o entrelaçamento da mulher *como* território e *no* território, em contínua ação de subverter o lugar de *ocupada*, para ser o agente que ocupa. Meus trabalhos e pesquisa estão sendo desenvolvidos na universidade com a ajuda de professores que me indicam referências artísticas que vão ao encontro do que desejo expressar. A EBA sempre foi, para mim, um lugar muito importante de construção.

**PalavrAr-te:** *Pensando no começo da sua produção e na sua abordagem temática, os materiais surgiram no desenvolvimento do trabalho ou você já tinha uma ideia deles?*

**Carine:** Eu pesquiso e seleciono os materiais considerando aquilo que desejo comunicar e os conceitos que tenho em mente. Além disso, observo as camadas



**Transtorne, 2018.**

simbólicas de cada material e o que podem somar à criação artística. No começo, tive a pesquisa mais voltada para a ocupação do meio urbano e utilizei bastante os materiais mais convencionais de intervenção urbana, que são: lata spray, cola, papel e estêncil. Entretanto, sempre gostei de acrescentar elementos destoantes daquele espaço, como tecido rendado e fotografias antigas de família.

No momento, tenho flertado bastante com a performance e continuo com o mesmo interesse de pesquisa. Tenho algumas

referências, como a Marina Abramovic<sup>2</sup>, a Valie Export<sup>3</sup> e a Regina José Galindo<sup>4</sup>. Sob a influência dessas referências, agora estou indo para a performance. Faço apenas videoperformance e sinto calafrio só de pensar em fazer uma performance ao vivo, mas estou trabalhando isso em mim. Acho que tem a ver com o fato de eu estar explorando mais o meu corpo como material artístico e em atrito com os espaços que analiso.

**PalavrAr-te:** *Você costuma se deparar com grandes dificuldades quando experimenta algum material novo?*

**Carine:** Acredito que podemos ver de dois ângulos. Pode ser difícil no começo — como tudo pode parecer — porque é algo novo, não por ser um material difícil de se usar. Por exemplo, no lambe-lambe<sup>5</sup>, eu faço uma mistura de cola com metade de água e metade de cola branca; eu gosto dessa mistura, porque rende e não fica fedendo, como a cola de farinha fica depois de um tempo. São processos simples; é claro que vamos ganhando prática com o tempo, mas essa, especificamente, é fácil! Acho que não existem coisas difíceis, existem coisas com as quais ainda não temos prática.

**PalavrAr-te:** *Em nenhum momento, você teve que deixar de usar algum material, porque não tinha como adequá-lo à proposta do trabalho?*

**Carine:** Sim, já aconteceu. Por isso, sempre vou descobrindo materiais novos! Acho que se trata mais da minha adaptação ao que o trabalho pede. Como com as porcelanas de *Moça de Família*, por exemplo: o barro não é algo que eu tenho domínio, mas o trabalho me pedia isso. O pensamento sobre “qual material usar” é fundamental,

---

<sup>2</sup> Marina Abramović é uma artista performática. Nas performances, a artista usa seu corpo como sujeito e veículo, e explora nelas a relação entre artista e público e os limites do corpo.

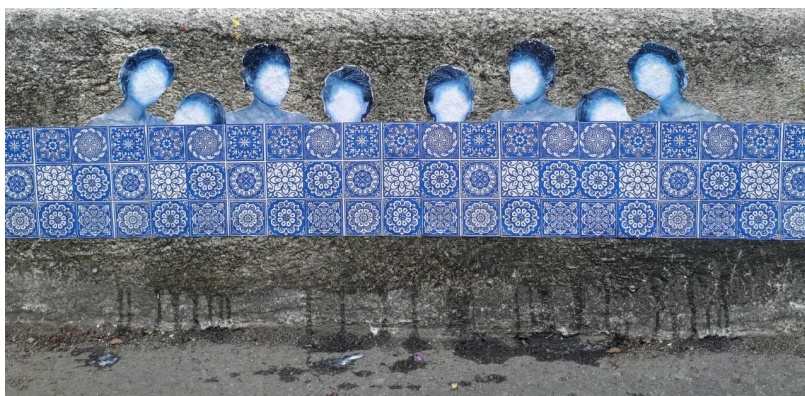
<sup>3</sup> Valie Export é uma artista contemporânea austríaca. Seus trabalhos incluem fotografias, instalações de vídeo, etc. Ela também é conhecida pelas performances que abordam o corpo feminino e o olhar masculino.

<sup>4</sup> Regina José Galindo é uma artista visual e poeta especializada em arte corporal. É conhecida pelos temas políticos em seus trabalhos.

<sup>5</sup> O lambe-lambe é uma vertente da arte de rua que utiliza cartazes como intervenção urbana, com o intuito de transmitir ideias e pensamentos, divulgar as artes ou até mesmo protestos elaborados através de imagens e textos.

porque tudo tem um signo! Nós temos que escutar e ver qual poética queremos dar ao trabalho.

**PalavrAr-te:** *Mas você já enfrentou obstáculos no desenvolvimento de seus trabalhos?*

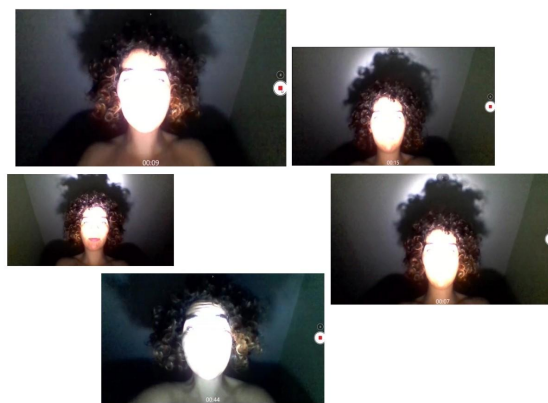


**Série Ofuscadas, 2018.**

**Carine:** Sim! Eu adoro os obstáculos e os defeitos; tudo o que desvia. Acho interessante e abre espaço para uma poética no trabalho. Por exemplo, eu podia fazer os lambe-lambes de uma série minha chamada *Ofuscadas*

em um tamanho grande e em um menor. Alguns desses lambes, eu fiz pequenos e coloquei numa parte da calçada da rua — em que havia uma elevação e uma parte quebrada — e aquilo ganhou uma força, como se fosse se adequando ao espaço. Eu achei aquilo muito simbólico porque é uma parte quebrada. O que deu essa camada a mais ao trabalho foi, justamente, esse espaço da calçada. Esses obstáculos, a meu ver, só somam!

**PalavrAr-te:** *Na vídeoperformance Prazer em Conhecê-la, ao falar sobre o espaço da mulher, você se coloca como parte principal. Seria uma forma de evidenciar que o seu trabalho é sobre você também, e não apenas sobre as outras mulheres?*

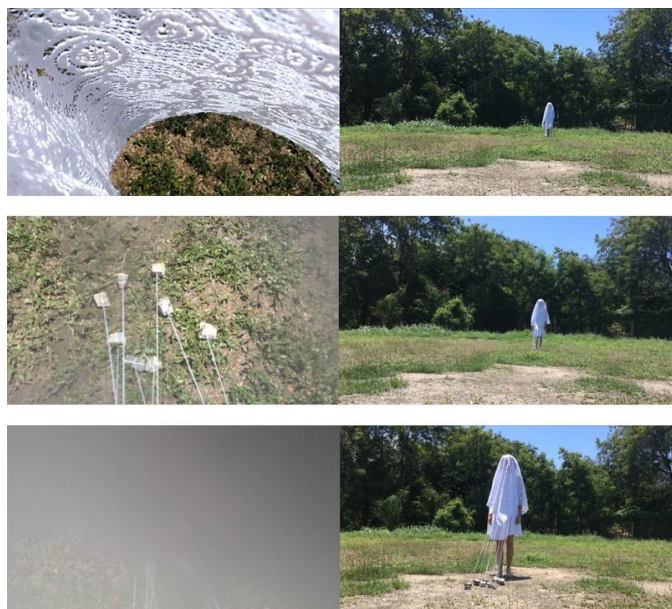


**Prazer em conhecê-la, 2017.**

**Carine:** Meus trabalhos são reflexões sobre questões que perpassam o meu corpo. Não

falo sobre as questões *delas*, são as *nossas* questões. Meu corpo está muito presente. Botar o meu corpo em cena abordando aspectos íntimos não me deixa confortável, mas me faz reconhecer confrontos existentes em mim. Em *Prazer em Conhecê-la*, foi a primeira vez que o meu corpo esteve em cena no meu trabalho; nele, a identidade ofuscada reflete o sentimento que tenho ao tentar me expressar e não ser compreendida.

**PalavrAr-te:** *O seu corpo aparece mais nos seus trabalhos atuais. O que você pensa sobre essa mudança?*



**Ritual de Separação, 2017.**

**Carine:** É verdade. Nossa, isso é quase uma sessão de terapia! Eu costumo falar que o meu curso é praticamente um grande exercício de autoconhecimento. Vejo desta forma, pois revisito questões profundas que habitam em mim e enxergo com mais nitidez quando coloco elas em trabalhos artísticos. Agora, percebo que estou num processo de *criação de uma personagem*. Essa personagem apareceu em *Rendida* —

um trabalho que criei com porta-retrato, fotografia, renda e pichação. Depois dessa criação, fiz uma vídeoperformance nomeada *Ritual de Separação* — um desdobramento do meu trabalho anterior — em que encarno essa personagem que ao mesmo tempo faz parte de mim.

**PalavrAr-te:** *O tecido é um material muito presente em seus trabalhos e em Rendida ele se destaca. Você poderia falar mais sobre esse trabalho, sobre seu processo criativo?*

**Carine:** *Rendida* — esse trabalho que tem o tecido rendado — surgiu logo depois que conheci as fotografias de Lewis Carroll<sup>6</sup>. Eu *soube* que ele gostava de fotografar crianças e tem uma baita polêmica sobre a relação dele com as meninas fotografadas, mas nunca foi comprovado nada. Entretanto, ao saber dessa história, eu quis trabalhar com esses registros. No retrato, a menina fotografada está num sofá



**Rendida, 2017.**

que tem uma renda; então peguei uma renda e fiz uma colagem que ia do rosto da menina até o sofá. A intervenção do tecido na foto retrata a camuflagem desses seres no espaço doméstico, ali é como se a criança fizesse parte da mobília da casa.



**Série Moça de Família, 2017.**

**PalavrAr-te:** *Rendida lembra muito Moça de Família, outro trabalho seu. Há, de fato, uma ligação entre eles?*

**Carine:** Sim, esse trabalho virou uma série. Primeiro eu pensei nesse termo: “moça de família”; depois coloquei adjetivos atribuídos a esse estereótipo em outros pratos. O que é ser uma moça de família? É ser serena, tímida,

<sup>6</sup> Autor de *Alice no país das maravilhas*.

contida? Então escrevi nas porcelanas as palavras com caligrafia de *picho* e, assim, transporte a estética da rua para o espaço doméstico. Com isso, percebi que há desejos semelhantes entre a teoria feminista e a ideologia da pichação, como a vontade de se expressar a seu modo e de subverter os espaços.

**PalavrAr-te:** *Como você entende o ato de pichar — a pichação — na constituição de sua obra?*

**Carine:** É uma forma de trazer a estética da rua para o espaço doméstico, porque eu vejo uma relação próxima entre a ideologia da pichação e a feminista, em relação à igualdade de gênero e ao desejo de se expressar, como acontece na pichação. Essa transgressão do que se pode fazer naquele espaço, o desejo de falar, botar sua voz no mundo, é exprimido pela pichação. Outra coisa que acho importante é: independente do que está sendo dito pela pessoa que picha, pichar é um ato político. Acho que os nossos corpos — nós, as mulheres — nas ruas, ocupando as ruas, é um ato político, independente se a arte é identificada como feminista ou não.

**PalavrAr-te:** *O seu trabalho se desenvolve no espaço urbano e no universitário. Como é o processo de deslocar o trabalho desenvolvido na universidade para as ruas?*

**Carine:** A maioria dos meus trabalhos foi pensada na universidade, já que ela sempre foi um lugar de apoio, em que eu posso testar as coisas sem ter medo; porque nela eu tenho a segurança e a liberdade de fazer o que eu quero. Mesmo estando em uma faculdade bem clássica, o curso de Artes Visuais é contemporâneo e abraça as minhas rupturas com a Escola [de Belas Artes]. É um lugar que me dá muita liberdade e, como mulher, eu me sinto muito bem e me aproveito disso; testo muitas coisas na universidade para, depois, colocar nas ruas. A rua nunca foi um lugar fácil para mim, por isso meu desejo de estar nela.

**PalavrAr-te:** *É muito interessante você falar sobre isso, porque você se coloca nas ruas, mesmo não sendo fácil. Como você se sente diante desse desafio?*

**Carine:** Eu vou morrendo de medo, não vou com o pensamento de "eu domino esse espaço", jamais! Vou com medo mesmo! Eu também percebi que me sinto mais confortável quando vou intervir no espaço público acompanhada de uma amiga. Receber esse apoio feminino me dá muita força e é simbólico.

**PalavrAr-te:** *Isso dá uma marca para os seus trabalhos que estão nas ruas, pois quando você revisitá-los, inevitavelmente, lembrará das mulheres que estavam com você.*

**Carine:** É isso, uma dando força para a outra: o feminismo na prática!

**PalavrAr-te:** *Então, a universidade é um lugar onde você sente encontrar apoio dos colegas de curso quando compartilha suas ideias?*



Da Série Corpo Urbano, em parceria com Alice Ferraro, 2018.

**Carine:** A EBA foi um lugar de muitos encontros, não só com professores, mas com outros estudantes; e isso foi muito importante para mim! A Alice Ferraro é uma grande amiga e parceira de trabalho que conheci no espaço universitário; agradeço muito por esse encontro abundante que a Escola [de Belas Artes] me proporcionou. Juntas, criamos o projeto *Mina Preciosa* e outros trabalhos. Além disso, nossos trabalhos individuais conversam muito, abordam os mesmos assuntos de formas diferentes.



---

**PalavrAr-te:** *Como você vê seu corpo e sua produção na universidade?*

**Carine:** Eu me vejo num lugar de resistência, porque, cada vez mais, a UFRJ vem sofrendo com a falta de investimento. Então, estamos ocupando, estudando, fazendo nossos trabalhos e pesquisas e tentando parar o sucateamento da nossa universidade. Nós estamos resistindo a um plano de governo que quer acabar com esse pensamento crítico e que não se interessa por esse tipo de formação, porque o que estamos fazendo também é política; estamos estudando para atuar na nossa sociedade. Eles querem desarticular grupos de pessoas atuantes na sociedade, querem que sejamos massa de manobra.

Estar aqui é resistir! Principalmente sendo mulher; apesar de termos nomes de mulheres bem-sucedidas na Escola de Belas Artes, como Tarsila do Amaral e Beatriz de Milhazes, essas mulheres são exceções e não a maioria! Essas artistas são usadas como uma forma de nos calar, uma forma de dizer que as mulheres já conquistaram seu lugar de destaque nas artes; mas *não*, ainda somos uma minoria e querem que nos contentamos com pouco. Mas eu não quero pouco, eu quero uma porção bem grande de mulheres bem-sucedidas ocupando os espaços que desejam! Por isso, temos que estar trabalhando e colocando nossas questões em pauta *sim*, independentemente de quais sejam.

Entrevista realizada em 24 de outubro de 2018.

Contatos da artista: @carine.caz  
<https://carinecaz.wixsite.com/website>

---

PalavrAr-te: Paula de Souza (graduanda em Artes Visuais/Escultura da Escola de Belas Artes da UFRJ); Mônica Santos (graduanda em Letras: Português-Literaturas da UFRJ); Anna Beatriz Jordão (graduanda em Letras: Português-Literaturas da UFRJ); e Anna Carolina Lopes (graduanda em Letras: Português-Literaturas da UFRJ).

Supervisão de texto: Anieli Improta França.

---